

Diálogos e embates: Teoria Queer e Pós-colonialismo nas Relações Internacionais

Dialogues and conflicts: Queer Theory and Postcolonialism in International Relations

Diálogos y conflictos: Teoría Queer y Poscolonialismo en las Relaciones Internacionales

Letícia Sanches Rezende¹

Recebido: 2 de Abril de 2024

Aceito: 30 de Agosto de 2024

RESUMO

O presente artigo busca explicitar as críticas feitas à Teoria Queer nas Relações Internacionais por acadêmicos pós-coloniais. Para tal, é realizada uma revisão bibliográfica de publicações que tratam das questões queer e pós-coloniais de forma conjunta e comparada, com ênfase para os trabalhos dos autores William J. Spurlin, Rahul Rao e Jasbir Puar. Assim, promove-se uma discussão acerca daquilo que aproxima ambas as correntes teóricas e, subsequentemente, apresenta-se os principais pontos de embate. Conclui-se que a Teoria Queer nas RI possui vieses coloniais e ocidentais, sendo necessária uma análise mais interseccional por parte dos teóricos queer para uma compreensão holística do ambiente internacional.

Palavras-chave: Teoria Queer; Pós-colonialismo; gênero; sexualidade; colonialidade.

ABSTRACT

The present article seeks to elucidate the criticisms made to Queer Theory in International Relations by post-colonial academics. To this end, a bibliographical review of publications that deal with queer and post-colonial issues in a joint and comparative way is carried out, with emphasis on the works of authors William J. Spurlin, Rahul Rao and Jasbir Puar. Thus, a discussion is promoted regarding what brings both theoretical currents closer, and subsequently, the main points of contention are presented. It is concluded that Queer Theory in IR exhibits colonial and Western biases, requiring a more intersectional analysis by queer theorists for a holistic understanding of the international environment.

Keywords: Queer Theory; Post-colonialism; gender; sexuality; coloniality.

1. Graduada em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: leticia.rezende.1264692@sga.pucminas.br.

RESUMEN

El presente artículo busca explicitar las críticas realizadas a la Teoría Queer en las Relaciones Internacionales por académicos poscoloniales. Para eso, se realiza una revisión bibliográfica de publicaciones que aborden las cuestiones queer y poscoloniales de manera conjunta y comparada, con énfasis en los trabajos de los autores William J. Spurlin, Rahul Rao y Jasbir Puar. De esta manera, se promueve

una discusión sobre aquello que aproxima ambas corrientes teóricas y, posteriormente, se presentan los principales puntos de debate. Se concluye que la Teoría Queer en las RI tiene sesgos coloniales y occidentales, siendo necesaria un análisis más interseccional por parte de los teóricos queer para una comprensión holística del ambiente internacional.

Palabras clave: Teoría Queer; Poscolonialismo; género; sexualidad; colonialidad.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria *Queer* tem como seu ponto inicial uma série de conferências acadêmicas organizadas nos Estados Unidos, durante o fim da década de 1980, na qual se buscava discutir temas referentes à sexualidade humana e a sua relação com a organização social. Inicialmente, a Teoria *Queer* emergiu nos departamentos universitários de Filosofia e de Crítica Literária. No entanto, na contemporaneidade, é utilizada por acadêmicos das mais diversas áreas do conhecimento (Jesus, 2014; Miskolci, 2009).

Nas Relações Internacionais (RI), a Teoria *Queer* emerge a partir dos anos 1990, período no qual esta corrente teórica começa a dialogar com novas áreas do conhecimento. Apesar deste contato ter se iniciado na década de 1990, Richter-Montpetit (2018) afirma que foi a partir de 2014 que a Teoria *Queer* passou a ter maior visibilidade nas RI, quando os grandes periódicos acadêmicos passam a publicar pesquisas baseadas na Teoria *Queer*, promovendo maior visibilidade para esta vertente e mostrando a riqueza de temáticas que podem ser abordadas a partir de uma perspectiva *queer*. A autora denomina este processo de “virada *queer*”². A partir deste momento, torna-se “inconcebível para as RI acadêmicas fazerem parecer como se não existisse uma Teoria *Queer* das Relações Internacionais” (Richter-Montpetit, 2018, p. 222, tradução nossa)³.

Desde a virada *queer*, essa perspectiva vem sendo escrutinada e criticada por teóricos das mais diferentes vertentes das RI, apontando os méritos, as falhas e os pontos que merecem maior

2. No inglês original, “queer turn”.

3. inconceivable for disciplinary IR to make it ‘appear as if there is no Queer International Theory.

análise e desenvolvimento. Dentre as críticas, surgem debates enraizados no pós-colonialismo. Dentro das RI, esta corrente teórica introduz perspectivas críticas ao pensamento ocidental hegemônico, destacando a importância das categorias analíticas do racismo e da branquitude, e colocando sujeitos marginalizados como produtores ativos do conhecimento (Tickner, 2011; Espanhol, 2017). É a partir desta lente que autores pós-coloniais examinam a Teoria *Queer*, apontando as inconsistências e vieses que acompanham sua produção teórica até o momento.

Nesse contexto, este artigo busca explorar as críticas feitas à Teoria *Queer* nas Relações Internacionais por teóricos pós-coloniais. Para este fim, será realizada uma revisão bibliográfica de artigos, de livros e de publicações em revistas científicas que tratem das questões *queer* e pós-colonial. Divide-se, assim, este artigo em cinco seções: primeiramente, uma contextualização do surgimento da Teoria *Queer* e sua aplicação nas Relações Internacionais. Em seguida, explora-se a abordagem pós-colonial nas Relações Internacionais. Em terceiro lugar, são analisadas críticas, embates, diálogos e convergências entre a Teoria *Queer* e o pós-colonialismo. Após, serão apresentadas perspectivas para além da crítica, que buscam conciliar a Teoria *Queer* com o pós-colonialismo, criando novas possibilidades. Por fim, são apresentadas considerações finais, incorporando a necessidade de maior disrupção na produção *queer* contemporânea e considerando o progresso já feito.

2 A TEORIA QUEER E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A criação do termo “Teoria *Queer*” é majoritariamente atribuída à Teresa de Lauretis em seu artigo “*Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*”, publicado em 1991 em uma edição especial da revista *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, que consistia em uma edição feita por Lauretis dos documentos de uma conferência sobre estudos de gênero e sexualidade realizada na Universidade da Califórnia (Santos, 2006). No entanto, deve ser apontado que a estudiosa Gloria Anzaldúa já havia utilizado o termo “Teoria *Queer*” antes de Lauretis, nos anos 1980; porém, o artigo de Lauretis é tido como o difusor do termo e da Teoria *Queer* enquanto instrumento acadêmico (Goldberg, 2016).

Historicamente, no entanto, a Teoria *Queer* tem uma genealogia complexa. Autores que a precederam, em um momento no

qual o termo “Teoria *Queer*” sequer existia, ainda são uma grande influência para a formação do pensamento *queer* contemporâneo. A teoria feminista, em especial o trabalho de feministas lésbicas; o pensamento pós-estruturalista e os trabalhos sobre a história da sexualidade de Michel Foucault (1977, 1984, 1985, 2020); os Estudos Gays e Lésbicos; e o ativismo da comunidade lésbica, gay, bissexual, transgênero, transsexual e *queer* (LGBTQ+) durante a crise da AIDS são algumas das principais referências históricas da produção teórica contemporânea (Rosenberg, 2008; McCann; Monaghan, 2020).

A Teoria *Queer* não é apenas um empreendimento acadêmico, mas também uma empreitada política. O *queer*, enquanto um movimento não só intelectual, mas também social, busca contestar e subverter as categorias de gênero e sexualidade consideradas normais e naturais, desestabilizar a ordem social construída com base na hierarquização identitária de gênero e sexualidade (Goldberg, 2016; Pelúcio, 2014). Segundo Pelúcio, “o *queer* [...] vai ser uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e assim também das subjetividades” (2014, p. 28).

Por sua própria natureza de contestação e de subversão, a Teoria *Queer* não apresenta uma única visão ou proposição acadêmica; mas sim se configura como um conjunto de pontos de vista e de teorias críticas que investigam as relações de poder construídas com base no controle e na categorização de corpos e de desejos sexuais. O *queer* busca iluminar as contradições presentes nos conceitos aparentemente estáveis e naturais do gênero e sexualidade, desnaturalizando-os e problematizando as interpretações da realidade produzidas a partir destes conceitos (Santos, 2006). Nas palavras de Edelman, o *queer* é “uma zona de potencialidades” (1974 *apud* Santos, 2006, p. 7).

Enquanto para alguns campos teóricos a falta de precisão e a multiplicidade de interpretações possibilitadas pela Teoria *Queer* possa parecer problemática, esta diversidade é um benefício e um fim em si mesmo na lógica própria dos teóricos *queer*. Como aponta Jagose, “parte da [...] eficácia política [da Teoria *Queer*] depende da sua resistência a definições” (1996, p. 1, tradução nossa)⁴. A Teoria *Queer* não busca ser hegemônica ou convencional, seu objetivo é investigar as marginalizações, a construção dos padrões de normalidade e de anormalidade. Uma investigação *queer* é, por definição, uma investigação periférica (Goldberg, 2016; SANTOS, 2006). Em suma, “quan-

4. part of its political efficacy, depends on its resistance to definition.

to mais se aproxima de se tornar uma disciplina acadêmica normativa, menos *queer* a Teoria *Queer* pode plausivelmente afirmar ser” (Halperin, 1995, p. 113 *apud* Jagose, 1996, p. 1, tradução nossa)⁵.

Nas Relações Internacionais, a Teoria *Queer* busca revelar como as lógicas de gênero e sexualidade moldam, muitas vezes de forma sutil e implícita, as estruturas de poder do sistema internacional e influenciam as perspectivas teóricas que buscam analisar e compreender tais estruturas (Wilcox, 2014; Richter-Montpetit, 2017). Em outras palavras, o objetivo da Teoria *Queer* é desestabilizar o que é considerado comum, usual, a ordem (supostamente) natural das coisas (Peterson, 2014). Da mesma maneira que outras correntes teóricas das Relações Internacionais – tais como o realismo, o feminismo, o marxismo, entre outras, a Teoria *Queer* se preocupa em entender os fenômenos internacionais, tais como a economia política internacional, questões de segurança, direito internacional, instituições e organizações internacionais. Entretanto, a Teoria *Queer* lança sobre estes fenômenos um olhar que busca compreender de que maneira estes estão relacionados às noções de gênero e sexualidade, como estes fenômenos são moldados por tais lógicas – e também as moldam (Richter-Montpetit; Weber, 2017). Conforme Wilcox (2014),

Projetos de “queerizar” as RI não são sobre fazer as RI queer como se elas já não o fossem, mas eles são sobre revelar como sexualidades, afiliações, e afetos são produzidos e regulados dentro das práticas existentes das RI e nossas estruturas conceituais subjacentes para entender as RI.⁶ (Wilcox, 2014, p. 612, tradução nossa)

Nesse sentido, apesar do aspecto da identidade sexual ser uma temática central para a Teoria *Queer*, ela não lida somente com tais questões. “Queerizar” as Relações Internacionais não é apenas uma questão de se estudar a comunidade LGBTQ+ em um contexto internacional ou a difusão de normas acerca da proteção deste grupo. Ainda que os direitos LGBTQ+ em um contexto global façam parte da agenda de pesquisa dos teóricos *queer* nas Relações Internacionais, a Teoria *Queer* não se limita a tal questão.

De acordo com Richter-Montpetit (2018), a Teoria *Queer* nas RI possui como papel investigar de que maneira as políticas inter-

5. the more it verges on becoming a normative academic discipline, the less queer “queer theory” can plausibly claim to be.

6. Projects of queering IR are not about making IR queer as if it weren’t already, but they are about revealing how sexualities, affiliations, and affects are produced and regulated with existing practices of IR and our underlying conceptual frameworks for understanding IR.

nacionais são formadas pelos discursos, pelas normas e pelos significados de gênero e sexualidade, colocando tais temas como intrinsecamente relacionados a questões de segurança internacional, de política externa, de desenvolvimento internacional, de geopolítica, entre outros. As normas de gênero e sexualidade são essenciais para a formação política e social dos Estados e da construção da identidade nacional (Richter-Montpetit; Weber, 2017).

Os teóricos *queer* problematizam e analisam sob perspectivas pouco convencionais os objetos usuais das Relações Internacionais. V. Spike Peterson (1999) investiga o fenômeno do nacionalismo sob uma ótica *queer*, apontando que os teóricos de RI geralmente assumem que a identidade nacional é unitária e monolítica, negligenciando a multiplicidade de identidades dentro de um Estado. Peterson, a partir da Teoria *Queer* e do feminismo, desafia o conceito convencional de Estado como um ator unitário e racional, buscando “expor a ilusão de homogeneidade promovida pelas narrativas nacionalistas”⁷ (Peterson, 1999, p. 35, tradução nossa). Nesse sentido, a autora aponta como o gênero e as identidades de gênero alteram as experiências políticas dos indivíduos, e utiliza o gênero como um ponto de partida para a compreensão do nacionalismo. Ela demonstra que o nacionalismo é fundado em um processo de opressão do feminino e de dominação masculina, contribuindo para a reprodução continuada destes padrões.

Em seus estudos, a autora Laura Sjoberg se utiliza da Teoria *Queer* para investigar as questões contemporâneas de segurança internacional. O projeto dos teóricos *queer* no campo da segurança internacional é se perguntar “onde estão os *queers* nas Relações Internacionais e na segurança internacional, e como isso pode importar para entender como exércitos, guerras e conflitos vêm a ser e como estes funcionam”⁸ (Sjoberg, 2015, p. 451, tradução nossa).

Nesse sentido, Sjoberg e Shepherd (2012) se atentam ao binarismo de gênero presente nos discursos contemporâneos sobre segurança – e nos escritos acadêmicos das Relações Internacionais como um todo –, destacando que, apesar das questões de gênero serem mais proeminentes nas análises contemporâneas, corpos trans ainda são marginalizados e omitidos destas discussões. No entanto, Sjoberg e

7. expose the illusion of homogeneity promoted in nationalist narratives.

8. where queers are in international relations and international security, and how that might matter for understanding how militaries, wars, and conflicts come to be and function.

Shepherd argumentam que corpos trans sempre estiveram presentes nos assuntos de segurança e, contemporaneamente, são ainda mais visíveis: a fluidez de gênero foi um elemento presente na maioria das grandes guerras históricas; scanners de corpo inteiro que são utilizados como medidas antiterrorismo colocam pessoas trans em posições de vulnerabilidade e de destaque em ambientes altamente securitizados, tais como aeroportos; a construção discursiva de pessoas trans enquanto desviantes ou perigosas; entre outros. Desse modo, é destacada a violência física e discursiva enfrentada por corpos trans, majoritariamente ignorada pelo pensamento acadêmico de segurança internacional na atualidade, e é sugerido um programa de pesquisa na área que busque investigar o privilégio dos corpos cisgênero no âmbito atual da segurança internacional (Sjoberg, Shepherd, 2012).

A Teoria *Queer* também é utilizada como arcabouço teórico na economia política internacional, como exemplificado por Nicola Smith. Segundo Smith (2016), sexualidades não-normativas são constantemente ignoradas em debates acerca da economia política internacional, e iluminar de que maneira a economia afeta as vidas de pessoas *queer* e como relações de poder econômico estão intimamente ligadas à manutenção do heterossexismo são questões essenciais. Smith (2018) destaca que problemas como serviços públicos, trabalho precário e falta de acesso à moradia e saúde afetam desproporcionalmente pessoas *queer*, exemplificando a marginalização socioeconômica desta parcela da sociedade. Portanto, a autora argumenta que a justiça social e econômica deveria estar “no coração da luta por justiça sexual, para que as lutas sexuais sejam definidas explicitamente como lutas econômicas, e vice-versa”⁹ (Smith, 2020, p. 18, tradução nossa).

Nesse sentido, é possível visualizar o panorama atual da pesquisa em Relações Internacionais no âmbito da Teoria *Queer*, os projetos e perguntas de pesquisa postulados, as limitações e avanços do campo. No entanto, apesar das problemáticas relevantes e originais colocadas pelos teóricos *queer* das RI, esta corrente teórica ainda possui pequena produção acadêmica publicada se comparado a outras abordagens do campo, e ainda é vista com desconfiança e como um modismo por determinados acadêmicos da área. De acordo com Weber (2016),

9. at the heart of the fight for sexual justice, so that sexual struggles are explicitly defined as socioeconomic struggles, and vice versa.

ao não levar totalmente em consideração as percepções dos seus colegas dos estudos queer sobre a possibilidade e a impossibilidade de produzir e implementar subjetividades sexualizadas, a maioria dos estudiosos de RI regularmente subteoriza como a vontade de conhecimento sobre a sexualidade é parte do que faz os jogos internacionais de poder possíveis e impossíveis.¹⁰ (Weber, 2016, p. 2, tradução nossa)

3 O PÓS-COLONIALISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Mignolo (2017) apresenta a colonialidade como um projeto constitutivo da modernidade, afirmando que “não há modernidade sem colonialidade” (Mignolo, 2017, p. 2). Quijano (2009) afirma que “a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista” (Quijano, 2009, p. 73). Dessa maneira, observa-se que a compreensão da organização social contemporânea passa, necessariamente, por uma compreensão dos projetos colonial e neocolonial – que, segundo Mignolo (2017), desenrola-se desde o Renascimento até a modernidade – e seus desdobramentos.

No entanto, enquanto área do conhecimento, as Relações Internacionais vêm, desde sua fundação, marginalizando análises que enfocam questões de raça e colonialidade. A disciplina em si foi fundada sobre bases que privilegiam o racismo científico, a hierarquização de raças e o eurocentrismo, “tendo a branquitude patriarcal euro-estadunidense como sujeito norteador, organizador e normatizador das RI” (Silva, 2021, p. 38). Assim, as discussões sobre raça, colonialismo e as realidades dos chamados “países de Terceiro Mundo¹¹” são sistematicamente ignoradas dentro das teorias hegemônicas das Relações Internacionais. Segundo Tickner, o pós-colonialismo indica “a importância de mudar o locus de enunciação da teoria das RI de forma a expor os problemas globais que as perspectivas dominantes de RI falham em enxergar” (Tickner, 2003, p. 297, tradução nossa).

10. by failing to fully take on board the insights of their queer studies colleagues about the possibility and impossibility of producing and deploying sexualized subjectivities, most IR scholars regularly undertheorize how the will to knowledge about sexualities is part of what makes international games of power possible and impossible.

11. A expressão “Terceiro Mundo”, utilizada por Tickner vem sendo substituída, nas últimas décadas, pelo termo “Sul Global”. Mantém-se, aqui, “Terceiro Mundo” em respeito ao texto original da autora.

A teoria pós-colonial busca destacar a maneira como o Sistema Internacional é construído em cima de bases eurocêntricas e capitalistas. Enquanto as teorias *mainstream* de RI veem o sistema internacional como dado, como natural e real, o pós-colonialismo busca mostrar que a emergência do capitalismo global em conjunção com o colonialismo – pois os dois fenômenos estão intrinsecamente conectados – moldou o Sistema Internacional estudado hoje pelos acadêmicos de Relações Internacionais (Persaud; Sajed, 2018).

Da mesma forma, o pós-colonialismo busca romper com o “nacionalismo metodológico”¹² (Persaud; Sajed, 2018, p. 22, tradução nossa) das RI tradicionais, que tendem a analisar o ambiente internacional como um conjunto de Estados-nação autônomos. O pós-colonialismo defende que movimentos sociais, ideologias políticas, manifestações culturais, entre outros, devem ser analisados também como parte das Relações Internacionais, visto que são criados a partir de um processo global de interação e de maneira interdependente; ou seja, os eventos que ocorrem dentro das fronteiras de um Estado-nação não são produzidos de forma completamente independente do resto do contexto global. Nessa perspectiva, “eventos e processos históricos não podem ser entendidos em seu isolamento nacional, mas sim como interações que atravessam o tempo e o espaço e transformam todo o planeta”¹³ (Krishna, 2009 *apud* Persaud; Sajed, 2018, p. 22, tradução nossa).

Outra grande crítica feita às teorias *mainstream* das Relações Internacionais pelos pensadores pós-coloniais é o eurocentrismo da disciplina. Segundo Matin, o eurocentrismo se configura como “um modo específico de compreender a modernidade que começa e termina com a Europa”¹⁴ (2013, p. 2, tradução nossa). A Europa, portanto, é compreendida como o centro de emergência autônoma do sistema internacional vigente, e as perspectivas europeias de moralidade, desenvolvimento, cultura, instituições e normas são inerentemente superiores às aquelas não-europeias e destinadas a se tornarem as práticas universais (Matin, 2013; Seth, 2011). A partir desse contexto, o conhecimento produzido por europeus é favorecido em relação ao que é produzido em outras localidades,

12. Methodological nationalism.

13. Historical events and processes cannot be understood in their national isolation but rather as interactions that span across time and space and transform the entire planet.

14. a specific mode of comprehending modernity that begins and ends with Europe.

legitimando a produção de conhecimento europeia como superior à todas as outras – como colocado por Seth, existe um “privilegio epistemológico” (2011, p. 168).

A crítica ao eurocentrismo nas Relações Internacionais feita pelo pós-colonialismo, seu apontamento da arbitrariedade do Sistema Internacional e seu status enquanto uma construção social, e a tentativa explícita de promover o conhecimento feito por teóricos do Sul Global fazem com que o pós-colonialismo seja percebido como “mais do que somente uma teoria; ele [o pós-colonialismo] também é apresentado como uma forma de prática ou mesmo um movimento”¹⁵ (Chibber, 2013, p. 2, tradução nossa). Nesse sentido, o pós-colonialismo busca mais do que somente teorizar, analisar e compreender o ambiente internacional e os impactos do colonialismo e neocolonialismo, mas também traçar estratégias para “resistir ou decolonizar historiografias dominantes, assim como suposições epistemológicas e ontológicas que se baseiam em experiências eurocêntricas”¹⁶ (Wilkins, 2017, *s.p.*, tradução nossa).

4 CRÍTICAS PÓS-COLONIAIS À TEORIA QUEER EM RI

A partir da perspectiva do pós-colonialismo, é perceptível que qualquer ocorrência da contemporaneidade requer lentes pós-coloniais para ser analisada efetivamente. Por conseguinte, o gênero e a sexualidade se caracterizam também como legados de um projeto colonial e neocolonial, socialmente construídos a partir de perspectivas ocidentais e eurocêntricas. O colonialismo e o neocolonialismo impõem estruturas epistemológicas de conceber gênero e sexo/sexualidade – mais especificamente, uma estrutura heteropatriarcal –, em uma tentativa de suprimir ou mesmo de extinguir as expressões tradicionais de gênero e sexualidade dos povos colonizados (Morgensen, 2012). Portanto, mostra-se impossível destacar a homofobia, o heterossexismo e a cisnormatividade das relações de gênero, raça, classe, colonialismo (Welzer-Lang, 2001; Jesus, 2014; Judge, 2017). No entanto, Spurlin (2001) aponta que as interações entre a Teoria *Queer* e o pensamento pós-colonial se mostram insuficientes. Segundo o autor,

15. more than just a theory; it is also presented as a form of practice or even a movement.

16. resist or decolonize dominant historiographies as well as epistemological and ontological assumptions that draw on Eurocentric experiences.

na sua análise de marginalização, da experiência subalterna, sua ênfase na identidade nacional e nas fronteiras, e na sua atenção à raça, gênero e classe, os estudos pós-coloniais negligenciaram seriamente as maneiras através das quais o heterossexismo e a homofobia também moldaram o mundo do poder hegemônico.¹⁷ (Spurlin, 2001, p. 185, tradução nossa)

Da mesma maneira, Spurlin se atenta às insuficiências apresentadas pela Teoria *Queer*:

um problema paralelo é que os estudos *queer*, mais proeminente-mente desenvolvidos nos Estados Unidos, tem mostrado pequeno interesse nas variações transculturais de expressão e representação do desejo entre pessoas do mesmo gênero; homossexualidades, em sociedades não-ocidentais são, no melhor dos casos, imaginadas ou inventadas através da lente imperialista da política identitária euroamericana [...], ou, no pior dos casos, inteiramente ignoradas.¹⁸ (Spurlin, 2001, p. 185, tradução nossa)

A Teoria *Queer* e o pensamento pós-colonial possuem diversos pontos de convergência. A epistemologia de ambas as correntes parte de um pensamento pós-positivista e pós-estruturalista, que busca analisar a ordem social a partir de uma posição marginalizada da sociedade, criticando os comportamentos e normas colocados como normais ou aceitáveis. Ademais, o questionamento dos universalismos é expressivamente presente em ambas as teorias: de um lado, a crítica ao suposto universalismo dos binários homem/mulher, hétero/homo feita pela Teoria *Queer*; já a abordagem pós-colonial expõe que os supostos universalismos – linguísticos, artísticos, entre outros – não existem por si mesmos, mas sim fazem parte de um projeto colonialista que impôs suas normas culturais como verdadeiras e superiores (PUNT, 2008). Jesus (2014) complementa este pensamento, afirmando que “tanto teóricos *queer* como os teóricos pós-coloniais buscam desnaturalizar narrativas de origem e o conceito de nação na área de Relações Internacionais” (Jesus, 2014, p. 47).

17. In its analyses of marginalization and subaltern experience, its emphasis on national identities and borders, and its attention to race, gender and class, postcolonial studies have seriously neglected the ways in which heterosexism and homophobia have also shaped the world of hegemonic power.

18. A parallel problem is that queer studies, most highly developed in the U.S., have shown little interest in cross-cultural variations of the expression and representation of same-sex desire, homosexualities in non-Western societies are, at best, imagined or invented through the imperialist gaze of Euroamerican queer identity politics [...], or, at worst, altogether ignored.

Em vista disso, Rao estabelece que “o poder imperial definiu as subjetividades sexuais onde quer que tivesse” (Rao *apud* Jesus, 2014, p. 48). A introdução de novas normas morais nas sociedades não-ocidentais da relação entre pessoas do mesmo sexo como anti-natural foi orientada de acordo com uma perspectiva heterossexista europeia: “a heteronormalização da sociedade era vista como uma marca da modernidade no século XIX” (Jesus, 2014, p. 48).

A heteronormatividade imposta pelos colonizadores europeus também se fundava em um temor das possibilidades de relações sexuais não-normativas que o ambiente das colônias poderia oferecer para os colonos – em geral, homens brancos. Dessa forma, foram introduzidas políticas coloniais com o intuito de conter tais possíveis práticas, que incluíam a prostituição, o sexo interracial e a sodomia (Rao, 2020). A lei da sodomia, elemento comum a diversos países com uma história de colonização por países europeus – são destacadas, por Rao, as colônias britânicas, tais como Uganda e Índia – foi “um elemento em um aparato biopolítico mais amplo de regulamentação colonial”¹⁹ (Rao, 2020, p. 8, tradução nossa).

Rao (2020), no entanto, atenta para a ideia de “homorromanticismo”²⁰ que, segundo o autor, seria uma perspectiva de análise na qual a colonização europeia é tratada como o único fator contribuinte para as questões de homo/LGBTQfobia no espaço africano. A população nativa seria tratada, em uma perspectiva homorromântica, como indivíduos sem capacidade de agência, totalmente inocentes e desamparados frente ao conflito cultural causado pelas potências ocidentais. Ademais, esta perspectiva ignora a possibilidade da população nativa de possuir aversão a determinadas expressões de sexualidade consideradas não-normativas no contexto local antes da chegada dos colonizadores; ou seja, o homorromanticismo “romantiza o indígena pré-colonial como um espaço-tempo de tolerância absoluta”²¹ (Rao, 2020, p. 45, tradução nossa).

Em contrapartida ao homorromanticismo, Rao (2020) cita o conceito desenvolvido por Jasbir Puar de “homonacionalismo”²², caracterizado como “uma fabricação na qual os direitos LGBT têm sido mobilizados com os novos marcadores para uma velha divisão entre

19. was one element in a broader biopolitical apparatus of colonial regulation.

20. No inglês original, homorromanticism.

21. romanticises the indigenous precolonial as a spacetime of unmitigated tolerance.

22. No inglês original, “homonationalism”.

o civilizado e o selvagem”²³ (Puar *apud* Rao, 2020, p. 54, tradução nossa). O homonacionalismo de Puar denuncia que os direitos liberais da população LGBTQ+ se tornaram um novo parâmetro para que as nações – principalmente as grandes potências ocidentais – meçam a legitimidade e o merecimento dos países do Sul Global à sua soberania, à assistência estrangeira, e é frequentemente utilizado em discursos de securitização, de forma a justificar a ameaça representada por outro Estado. Segundo Puar (2013), seu conceito de homonacionalismo “não é outra política identitária, não é outra maneira de distinguir entre gays maus e gays bons, não é uma acusação, e não é uma posição”²⁴ (Puar, 2013, p. 337, tradução nossa), mas sim uma descrição de um fenômeno moderno que coloca alguns países como dignos de se autodeterminarem e de serem soberanos – ou seja, os países “civilizados” –, enquanto outros são caracterizados como bárbaros, inimigos da liberdade de expressão sexual, e portanto não são dignos de se autodeterminarem e de existirem enquanto soberanos no ambiente internacional (Puar, 2013; Rao, 2020).

Partindo dos conceitos de homonacionalismo e de homorromanticismo e da complexidade de analisar o gênero e sexualidade enquanto facetas do poder no ambiente internacional, e das nuances trazidas pelo debate acerca dos direitos dos indivíduos LGBTQ+, Rao (2020) afirma que, para estudar tais questões, é preciso fazê-lo de maneira que “navegue entre a Cila do homonacionalismo e a Caríbdis do homorromanticismo”²⁵ (Rao, 2020, p. 34, tradução nossa). A partir desse cenário, percebe-se a complexidade das formações sócio-históricas das categorias de sexualidade, ainda mais quando é necessário articular um passado colonial e as influências estrangeiras para a sua construção.

5 ALÉM DA CRÍTICA: PERSPECTIVAS QUEER E PÓS-COLONIAIS EM DIÁLOGO

A partir das críticas tecidas à Teoria *Queer* segundo uma perspectiva pós-colonial, novos encontros entre essas duas correntes teóricas têm sido propiciados. Apesar de sua origem no Norte Global e em espaços majoritariamente brancos, a Teoria *Queer* está em constante res-

23. an assemblage in which LGBT rights have come to be mobilised as new markers for an old divide between the civilised and the savage.

24. it is not another identity politics, not another way of distinguishing good queers from bad queers, not an accusation, and not a position.

25. navigates between the Scylla of homonationalism and the Charybdis of homorromanticism.

significação e produção no Sul Global. Diversos autores buscam maneiras de viabilizar um novo caminho nas RI: um *queer* pós-colonial.

Roy (2021) afirma que, com o intuito de superar as tendências brancas e coloniais apresentadas pela Teoria *Queer*, urge uma produção vinda *do* Sul Global e *para* o Sul Global. É necessário “queerizar” essas localidades tradicionalmente marginalizadas pelos estudos *queer*, afirmando sua importância enquanto ambos produtores e sujeitos do conhecimento. Ademais, é preciso descentralizar as epistemologias do Norte Global, criando alternativas teóricas e políticas. Nesse sentido, raça, nacionalidade e classe devem ser outros elementos incorporados nesta produção analítica *queer*, de forma a “permitir a emergência de conhecimento e escrita que desestabilize produtivamente os discursos sexuais dominantes e hegemônicos”²⁶ (Roy, 2021, p. 4, tradução nossa).

Kapoor (2015) argumenta que o Sul Global é inerentemente *queer*: o Sul é representado como perverso, anormal, passivo e até mesmo afeminado, enquanto o Norte se coloca como moral, normal, ativo e masculino. Essa concepção está intimamente ligada às experiências coloniais e neocoloniais vividas por estas localidades: em uma tentativa do colonizador se diferenciar do colonizado, o último era retratado como *queer*. Dessa forma, a opressão colonial se tornava justificável a nível moral, apresentando a necessidade de uma “missão civilizatória”. Kapoor aponta que abraçar essa “queeridade” é uma forma de desestabilizar a ordem global vigente.

Entretanto, existe uma mentalidade heterossexista já consolidada, rejeitando a “queeridade” e a tratando como uma importação ocidental. Assim, para levar a frente a proposta de Kapoor, é preciso buscar estratégias fora da caixa neoliberal do Norte, assumindo uma posição criativa e independente. Recomenda-se, por exemplo, o cultivo de afetos *queer* como estratégias de resistência política,

ao invés de criticar diretamente estereótipos homofóbicos, misóginos ou orientalistas, mostrar uma certa fadiga, indiferença ou tédio em relação a eles [...]; ao invés de se conformar com as regras do mestre, esquecê-las ou ignorá-las deliberadamente [...]. Usar desta forma o afeto *queer* estereotipado – capricho, insinceridade, *camp*, absurdo, emoção exagerada, sexualidade degenerada, boba-

26. The re-imagining and reworking of gender and sexual knowledge-making subverts the dominant norms of the predetermined identity categories and knowledge claims and seeks new possibilities of negotiating racialized, sexualized and gender(ed) representations and resistances.

gem, tolce – interrompe e entorpece o poder hegemônico ao recusar-se a abordá-lo diretamente, o deslegitimando, desse modo²⁷ (Kapoor, 2015, p. 1621, tradução nossa).

Complementarmente, Kapoor sugere a disrupção do capitalismo, repensando as instituições econômicas heteronormativas, tais como a divisão sexual do trabalho e a primazia da acumulação de capital sob os direitos coletivos; a “queerização” do Estado, criando alternativas únicas e centradas nas realidades locais ao invés da escolha restrita às democracias neoliberais e às autocracias. Por último, ativistas LGBTQ+ do Sul Global devem direcionar seus esforços não para políticas puramente identitárias, mas sim nos encontros entre as pautas *queer* e outras questões socioeconômicas, construindo alianças mais amplas e profundas que questionam não apenas as normas de gênero e sexualidade, mas também as estruturas do poder hegemônico.

Em consonância com o proposto por Kapoor, outros autores vêm pesquisando e escrevendo sobre as “queeridades” do Sul Global. Rao (2020), por exemplo, escreve sobre a Lei Anti-Homossexualidade de Uganda como um paradoxo entre a tentativa de se afastar das “importações” culturais ocidentais e a homofobia promovida pela colonização, como também descrito por Kapoor (2015). O autor ilumina as complexidades da discussão de pautas *queer* em Uganda, atento para como um discurso que se diz decolonial pode ser um veículo para a homofobia política. Além disso, é considerada a utilidade linguística e descritiva do termo *queer* nestes contextos e a possibilidade do uso de outras terminologias, majoritariamente advindas de línguas indígenas do Sul, como a palavra *kuchu*, em suaíli, que vem sendo empregado em Uganda como um termo guarda-chuva para designar expressões de gênero e sexualidade não-normativas.

Adicionalmente, Roy (2021) evidencia as implicações do gênero para a cidadania em Bangladesh. A autora destaca a importância de contextualizar as lutas dos corpos *queer* e a emergência do ativismo ligado a essa questão na cultura de Bangladesh, que apresenta cir-

27. rather than directly criticising homophobic, misogynist or orientalist stereotypes, showing a certain fatigue, indifference or boredom towards them [...]; and rather than conforming to the master's rules, wilfully forgetting or ignoring them [...]. Using stereotypical queer affect in this way – whim, insincerity, camp, nonsense, over-the-top emotion, unregenerate sexuality, silliness, goofiness – interrupts and stupefies hegemonic power by declining to address it directly, thereby delegitimising it.

cunstâncias particulares, tais como a identidade de gênero *hijra* e sua invisibilização na mídia e nos processos governamentais, as disputas pela definição do papel da mulher na sociedade bangladesa pós-independência e a emergência de uma sociedade de consumo cada vez mais ligada ao modelo ocidental. Nesse contexto, ecoando a fala de Kapoor (2015), Roy advoga pela “queerização” do cenário bangladês, com a participação crescente das minorias sexuais e de gênero nas questões econômicas, políticas e culturais, criando alternativas para estes problemas que se distanciem dos modelos nortistas.

Ao mesmo tempo, para além de incorporar o Sul Global de forma contundente na produção acadêmica, é essencial mostrar como as políticas de gênero e sexualidade promovidas pelo Norte Global – muitas vezes percebidas como progressistas ou inclusivas – contribuem para a manutenção contínua das estruturas neocoloniais e as legitimam discursivamente. Rahman e Hossain (2023) chamam este fenômeno de “homocolonialismo”, descrevendo-o como “um processo político através do qual os direitos humanos LGBTQ2+ são implementados e depois resistidos como parte de uma dinâmica neocolonial real e percebida”²⁸ (p. 155, tradução nossa).

No contexto da discussão sobre as imposições do Norte Global e as pautas queer, Rahman (2020) examina a construção da imagem do “muçulmano homofóbico” como forma de negar a participação da população muçulmana na sociedade Ocidental. A tolerância à população LGBTQ+ é apresentada como uma marca do excepcionalismo branco ocidental, justificando a inferiorização dos países de maioria muçulmana e a o neocolonialismo nortista. A formulação global dos direitos LGBTQ+, por conseguinte, reproduz hierarquias coloniais ao reforçar o discurso de superioridade do Ocidente, contrastando-o com o “Oriente homofóbico”, negando as identidades e vivências queer que existem no mundo muçulmano.

O cenário apresentado por Rahman (2020) ilustra a forma como os direitos LGBTQ+ são utilizados como pretexto para a opressão e colonização continuada de populações marginalizadas – neste caso, com ênfase especial para o mundo muçulmano. Porém, o autor aponta a importância de entender o contexto LGBTQ+ muçulmano para além da dicotomia do Islã homofóbico – incitada pelos Estados Ocidentais neocolonialistas – e a homofobia puramente

28. a political process through which LGBTQ2+ human rights are deployed and then resisted as part of both an actual and perceived neo-colonial dynamic.

como uma importação colonial – visão que predomina nos estudos pós-coloniais atuais.

Para ir além desse paradigma, Rahman (2020) propõe o uso da ferramenta da interseccionalidade, que considera as existências sobrepostas e complexas de indivíduos que se identificam tanto como *queer*, como quanto minorias étnico-raciais. Contesta-se a ideia de uma realidade universal objetiva, reconhecendo que pessoas marginalizadas possuem uma experiência diferente da realidade daquela normativa, dentro do padrão cisgênero, heterossexual, branco e ocidental. Metodologicamente, deve-se permitir que os sujeitos compartilhem suas histórias e saberes nos seus próprios termos, ao invés de serem forçados a se enquadrar em categorias estabelecidas pela epistemologia dominante do Norte. Rahman sugere, assim, o uso de ferramentas qualitativas que permitam a amplificação das vozes dos sujeitos das pesquisas, tais como entrevistas não estruturadas; a análise crítica, repensando as teorias normativas e os discursos que possibilitam a omissão de identidades interseccionais; e a *praxis*, visto a necessidade de transformar as considerações teóricas em ações concretas. Cria-se, dessa forma, uma metodologia compatível com o projeto *queer* pós-colonial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser relativamente recente, a Teoria *Queer* se mostrou um instrumento de extrema relevância para a análise das relações humanas – sejam políticas, sociais ou econômicas – e como estas estão permeadas pelas construções sociais acerca de gênero e sexualidade, ditando aquilo que é normal e aquilo que é anormal e que, portanto, deve ser excluído. A Teoria *Queer* nos apresenta maneiras de desnaturalizar estas visões, problematizando conceitos aparentemente naturais e imaginando outras realidades possíveis, nas quais as expressões sexuais são livres de estigmatização e de padronização.

No campo das Relações Internacionais, a Teoria *Queer* apresenta questionamentos quanto as estruturas que compõem o sistema internacional, analisando os objetos de estudo usuais das Relações Internacionais – tais como o Estado, a segurança internacional e as relações econômicas – por uma perspectiva marginal, destacando como as regulações sexuais tornam as relações de poder no meio internacional possíveis. Os chamados “regimes do normal”

são constantemente colocados em foco, problematizando aquilo que é visto como dado e como natural, desetabilizando binarismos e normatizações. A Teoria *Queer* busca precisamente perturbar, desacomodar, criar questionamentos nos teóricos que seguem as correntes *mainstream* de RI, apontando a invisibilização das questões de gênero e sexualidade em seus estudos, e como esta falta prejudica a sua compreensão de mundo.

No entanto, a Teoria *Queer* não está isenta de críticas acerca de suas origens brancas, estadunidenses e ocidentais, o que acarretou em um esquecimento acerca das vivências e das estruturas sexualmente não-normativas presentes em localidades não-ocidentais, racializadas e do Sul Global. Portanto, propõe-se um maior engajamento entre o pós-colonialismo e a Teoria *Queer*, buscando uma compreensão mais holística do ambiente internacional e das realidades regionais.

Nesse cenário, uma produção *queer* pós-colonial vem emergindo no ambiente acadêmico, com a missão de integrar ambas agendas e demonstrando que o Sul Global é *queer* por natureza. Assim, autores como Kapoor (2015), Rao (2020), Roy (2021) e Rahman (2020) tem elaborado trabalhos que propõem uma articulação complexa entre as preocupações do Sul e da Teoria *Queer*. Surgem, dessa maneira, teorizações sobre localidades tradicionalmente marginalizadas nas RI – a exemplo da Uganda e de Bangladesh –, alternativas para um ativismo mais potente e eficaz advindo do Sul e considerações sobre o papel da política sexual na construção do neocolonialismo. Obtém-se, portanto, uma análise interseccional da política internacional que compreende não só aspectos de gênero e sexualidade, mas também de raça, nacionalidade e classe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIBBER, Vivek. **Postcolonial Theory and the Specter of Capital**. Nova York: Verso, 2013.

ESPANHOL, Carla de Oliveira. O pensamento decolonial como perspectiva contra-hegemônica nos debates teóricos de Relações Internacionais. In: ENCONTRO DA ABRI, 6., 2017, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498419261_ARQUIVO_ARTIGOABRI2017-CarlaEspanhol.pdf. Acesso em: 8 fev. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. IV: As confissões da carne**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOLDBERG, Abbie E. (ed.). **The SAGE Encyclopedia of LGBTQ Studies**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2016.

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory: An Introduction**. Malásia: Melbourne University Press, 1996.

JESUS, Diego Santos Vieira. O Mundo Fora do Armário: Teoria Queer e Relações Internacionais. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. XVII, n. 1, p. 41-50, jan/jul 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/18751>. Acesso em: 3 fev. 2024.

JUDGE, Melanie. **Blackwashing Homophobia: Violence and the Politics of Sexuality, Gender and Race**. [S. l.]: Routledge, 2017.

KAPOOR, Ilan. The queer Third World. **Third World Quarterly**, v. 36, n. 9, p. 1611-1628, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01436597.2015.1058148>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MATIN, Kamran. Redeeming the universal: Postcolonialism and the inner life of Eurocentrism. **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 2, p. 353-377, jun. 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354066111425263>. Acesso em: 18 fev. 2024.

MCCANN, Hannah; MONAGHAN, Whitney. **Queer Theory Now: From Foundations to Futures**. Londres: Red Globe Press, 2020.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVlk>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, [S. l.], v. 11, n. 21, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8863>. Acesso em: 3 fev. 2024.

MORGENSEN, Scott Lauria. Theorising Gender, Sexuality and Settler Colonialism: An Introduction. **Settler Colonial Studies**, [S. l.], n. 2, p. 2-22, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/2201473X.2012.10648839>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Florestan**, [S. l.], n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/63>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PERSAUD, Randolph B.; SAJED, Alina. **Race, Gender, and Culture in Interna-**

tional Relations: Postcolonial Perspectives. Oxon: Routledge, 2018.

PETERSON, V. Spike. Family Matters: How Queering the Intimate Queers the International. **International Studies Review**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 604-608, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24758506>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PETERSON, V. Spike. Sexing Political Identities: Nationalism as heterosexism. **International Feminist Journal of Politics**, [S. l.], v. 1, p. 34-65, jun. 1999. Disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/read/37423753/sexing-political-identities-nationalism-as-heterosexism.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2024.

PUAR, Jasbir. Rethinking Homonationalism. **International Journal of Middle East Studies**, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 336-339, mai. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S002074381300007X>. Acesso em: 16 fev. 2024.

PUNT, Jeremy. Intersections in queer theory and postcolonial theory, and hermeneutical spin-offs. **The Bible and Critical Theory**, [S. l.], v. 4, n. 2, jun. 2008. Disponível em: <https://www.bibleandcriticaltheory.com/issues/vol4-no2/vol-4-no-2-2008-intersections-in-queer-theory-and-postcolonial-theory-and-hermeneutical-spin-offs/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, jan. 2009. p. 73-118.

RAHMAN, Momin. Queer Muslim Challenges to the Internationalization of LGBT Rights: Decolonizing International Relations Methodology through Intersectionality. In: BOSIA, Michael J.; MCEVOY, Sandra; RAHMAN, Momin (eds.). **The Oxford Handbook of Global LGBT and Sexual Diversity**. Nova York: Oxford University Press, 2020.

RAHMAN, Momin; HOSSAIN, Adnan. Navigating Homocolonialism in LGBTQ2+ Rights Strategies: Sexual and Political Possibilities beyond the Current Framing of International Queer Rights. In: CHASE, Anthony *et al.* (eds.). **Human Rights at the Intersections: Transformation through Local, Global, and Cosmopolitan Challenges**. Londres: Bloomsbury, 2023.

RAO, Rahul. **Out of Time: The Queer Politics of Postcoloniality**. Nova York: Oxford University Press, 2020.

RICHTER-MONTPETIT, Melanie. Everything You Always Wanted to Know about Sex (in IR) But were Afraid to Ask: The 'Queer Turn' in International Relations. **Millenium**, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 220-240, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0305829817733131>. Acesso em: 8 fev. 2024.

RICHTER-MONTPETIT, Melanie; WEBER, Cynthia. Queer International Relations. **Oxford Research Encyclopedia of Politics**, [S. l.], 24 mai. 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/162931424>. Acesso em: 13 fev. 2024.

ROSENBERG, Tiina. Locally Queer: A Note on the Feminist Genealogy of Queer Theory. **Graduate Journal of Social Science**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 5-18, 2008. Disponível em: <https://www.gjss.org/sites/default/files/issues/chapters/papers/Journal-05-02--01-Rosenberg.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2024.

ROY, Ahonaa. **Gender, Sexuality, Decolonization**: South Asia in the World Perspective. Londres: Routledge, 2021.

SANTOS, Ana Cristina. Estudos queer: Identidades, contextos e ação colectiva. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 76, p. 3-15, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/813>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SETH, Sanjay. Postcolonial Theory and the Critique of International Relations. **Millennium: Journal of International Studies**, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 167-183, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0305829811412325>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SILVA, Karine de Souza. “Esse silêncio todo me atordoia”: a surdez e a cegueira seletivas para as dinâmicas raciais nas Relações Internacionais. **Revista de Informação Legislativa**: RIL, Brasília, DF, v. 58, n. 229, p. 37-55, jan./mar. 2021. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/58/229/ril_v58_n229_p37. Acesso em: 16 fev. 2024.

SJOBERG, Laura. Seeing sex, gender, and sexuality in international security. **International Journal**: Canada’s Journal of Global Policy Analysis, [S. l.], v. 70, n. 3, p. 434-453, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0020702015584590>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SJOBERG, Lauren; SHEPHERD, Laura J. Trans- Bodies in/of War(s): Cisprivilege and Contemporary Security Strategy. **Feminist Review**, [S. l.], v. 101, n. 1, p. 5-23, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1057/fr.2011.53>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SMITH, Nicola. Toward a Queer Political Economy of Crisis. In: HOZIC, Aida A; TRUE, Jacqui. **Scandalous Economics**: Gender and the Politics of Financial Crises. Nova York: Oxford University Press, 2016.

SMITH, Nicola. Queer theory and feminist political economy. In: ELIAS, Juanita; ROBERTS, Adrienne (ed.). **Handbook on the International Political Economy of Gender**. Northampton, MA: Edward Elgar, 2018. p. 102-112.

SMITH, Nicola. **Capitalism’s Sexual History**. Nova York: Oxford University Press, 2020.

SPURLIN, William J. Broadening Postcolonial Studies/Decolonizing Queer Studies: Emerging “Queer” Identities and Cultures in Southern Africa. In: HAWLEY, John C. **Postcolonial, Queer**: Theoretical Intersections. Albany: State University of New York Press, 2001.

TICKNER, Arlene. Seeing IR Differently: Notes from the Third World. **Millennium: Journal of International Studies**, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 37-55, 1 jun. 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/03058298030320020301>. Acesso em: 18 fev. 2024.

TICKNER, Arlene. Dealing with Difference: Problems and Possibilities for Dialogue in International Relations. **Millennium: Journal of International Studies**, [S. l.], v. 39, n. 3, p.607-618, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0305829811400655>. Acesso em: 8 fev. 2024.

WEBER, Cynthia. **Queer International Relations: Sovereignty, Sexuality and the Will to Knowledge**. Nova York: Oxford University Press, 2016.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e dominação das mulheres e homofobia homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 460-482, 2º sem. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

WILCOX, Lauren. Queer Theory and the “Proper Objects” of International Relations. **International Studies Review**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 612-615, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24758508>. Acesso em: 13 fev. 2024.

WILKENS, Jan. Postcolonialism in International Relations. **Oxford Research Encyclopedia of International Studies**, Oxford, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190846626.013.101>. Acesso em: 16 fev. 2024.